



ARTIGO

MULHERES NEGRAS NAS CIÊNCIAS: DESVELANDO PERCURSOS EM PROL DA DIVERSIDADE

POR

Mory Marcia de Oliveira Lobo e Cristiano Maciel
moryprofessora@hotmail.com e cmaciel@ufmt.br

A revolução tecnológica midiática tem proporcionado maior visibilidade às questões étnicas (raciais¹), alavancando

1 - Raça é uma construção social para clivar marcas físicas e separar classes sociais. A biologia afirma que nosso cadastro celular nos identifica como seres humanos da raça humana. Do mesmo modo, a Antropologia vem nos dizer que etnia é denominada de um grupo étnico e são diferenciados por características culturais. Essas informações nos levam a reorganizar os discursos e narrativas, afirmando que a raça é humana e as etnias são caracterizadas pelas diferentes culturas e, nessas diferenças étnicas, podemos encontrar a cor da pele (MUNANGA, 1999).

o reconhecimento e o debate em setores importantes como o meio artístico, o trabalho, o esporte, a política, as universidades e, também, por meio de ações afirmativas. Neste campo, conta-se com a participação de mulheres negras cientistas que ajudaram a desnudar afirmações pseudocientíficas e dar maior visibilidade ao enfrentamento de demandas que permeiam gênero, racismo, sexismo etc.

É inegável o movimento de inserção de mulheres negras nas ciências, ainda

que sub-representadas em cenários e em áreas sistematicamente ocupadas por homens. Neste percurso, há enfrentamentos e resistências, traços expressivos da luta por espaços de poder, e que se mantém no contexto de um sistema que não foi construído e pensado para mulheres enquanto consumidora e produtora de conhecimento. Essa é a tônica deste texto: o entendimento de que o percurso e os achados de muitas pesquisadoras permitem que tenhamos um debate e novas produções que, de fato, considerem as questões sociais imbricadas nesta temática.

Leta (2003) enfatiza que, na década de 1980, as pesquisadoras negras aparecem com maior expressividade dado a todo um contexto de luta e resistência. Em 2000, abriram-se espaços para um grande debate no Brasil sobre a diversidade étnica, despontando a participação de pesquisadoras negras em discussões e linhas de pensamentos tais como: Sueli Carneiro, com a *Equidade Racial*; Nilma Lino Gomes, com a *Identidade e Descolonização do Conhecimento* e Eliane Cavalleiro com a *Educação Antirracista* entre outras.

Contudo, todas essas conquistas são parte de um exaustivo percurso de luta por um lugar de fala no Brasil. De acordo com Cavalleiro (2006), esses feitos devem ser atribuídos a todo um processo de luta do Movimento Negro, que sempre viu na ciência um instrumento importantíssimo para a promoção das demandas da população negra, combatendo as desigualdades sociais e étnicas. Para tal, contam com

o apoio das instituições de ensino, em seus múltiplos campos de atuação, imbricadas nos movimentos sociais.

No dossiê produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) para mapear e discutir a mulher negra e suas condições de vida, no volume de 2013, aparece um fenômeno importante na discussão a respeito da desigualdade de gênero. Esse fenômeno é desnudando em dois eixos: subordinação na construção de situações de exclusão e opressão e o reconhecimento do racismo estrutural como elemento nas desigualdades no Brasil.

Neste sentido, é possível observar que as áreas em que aparecem maior número de produções sobre as questões étnicas (racial), por pesquisadoras negras estão concentradas nas Ciências Sociais. Os dados apontam uma diversidade de linhas e correntes de pensamentos, com grande influência em pesquisadoras estadunidenses como: Ângela Davis, com a teoria *Mulheres raça e classe*; Kimberle Cressshaw, com a *teoria crítica da raça e Interseccionalidade*; Bell Hooks com a *Raça, Classe e Gênero*; Gloria Landson-Billings com a *Teoria Racial Crítica*; Patrícia Hill Collins com o *Pensamento Feminista Negro*, entre outras.

Um cenário de mudanças pode ser observado a partir de trabalhos científicos publicados por mulheres negras em revistas científicas, acervos de dissertações e teses encontradas no Catálogo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e nos grupos de trabalhos (GTs) da Associação



Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), artigos em jornais entre outros, que discutem resultados de pesquisas com importantes desdobramentos e respostas para fenômenos sociais nas áreas da saúde, educação, tecnologia, economia, comunicação entre outras.

Na websérie “Negras que Inspiram”, do canal Meninas Digitais Regional Bahia (YouTube²), projeto parceiro do Programa Meninas Digitais da SBC, em 2020, seis cientistas negras da área de tecnologias foram escolhidas no primeiro *round* do projeto, para relatar o caminho percorrido na experiência profissional. Entre um relato e outro, fica explícita a luta e o sofrimento da mulher negra para ocupar espaços negados em uma sociedade multifacetada por segregações raciais e sociais dentro de uma agenda comprometida com desigualdades e formas perversas de silenciamento na luta de classes.

Na pesquisa de Silva e Ribeiro, em

2 - <https://www.youtube.com/watch?v=e-O3hTn0TCU>

2010, intitulada “*Mulheres na ciência: problematizando discursos e práticas sociais na constituição de mulheres-cientistas*”, as autoras mapeiam a inserção de mulheres na pós-graduação até 200. Neste estudo, aparece um total de 63.234 doutores em atuação docentes, nesse universo, apenas 251 são mulheres negras. Já em 2018, a *Gênero e Número*³ publicou uma pesquisa sobre o número de bolsas de estudo entre 2013 a 2017. Infelizmente, os dados ainda atestam exclusão, pois pretos e pardos aparecem em menos de 30% das bolsas.

Para transformar esse cenário, é fundamental pensar na democratização do acesso ao ensino em todos os níveis, nas políticas públicas e nos processos de produção científica e tecnológica para mulheres de todas as etnias, compreendendo fenômenos que continuam alicerçando o sexismo e o racismo, como os citados neste texto. As consequências psicoemocionais desses binarismos também devem ser pensadas,

3 - <http://www.generonumero.media/grafico-genero-e-raca-na-ciencia-brasileira/>

bem como a identificação dos mecanismos utilizados para o enfrentamento de tais questões nas diferentes áreas.

Embora o cenário histórico da mulher negra brasileira apresenta índices de baixa representatividade, percebe-se toda uma conjuntura de resistência e enfrentamento, que articula o desafio de sair da invisibilidade científica pela luta e pelo enfrentamento do sistema, demonstrando capacidade e dinamismo em suas produções com grande contribuição para uma mudança em nível de nação. Na luta pela diversidade, há que se pesquisar e agir de forma integrada, intra, multi e/ou transdisciplinar, em um trabalho de equipe em prol da Ciência e da Sociedade.

Muitas iniciativas de mercado, pesquisa e extensão são movimentadas em redes sociais com o objetivo de promover a diversidade assim como na área da computação. Essas ações apontam para o avanço das discussões e sinalizam caminhos para um trabalho coletivo em prol da equidade. (LOBO; RIBEIRO; MACIEL; 2019). Neste sentido, cabe a cada um de nós essa valorosa missão e, esperamos, que este texto seja um convite ao “mergulho” nas diversas facetas que a temática nos proporciona.

Referências

1. CAVALLEIRO, E. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, SECAD, p. 13 a 26, 2006.
2. IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA, Dossiê Mulheres Negras: retrato e condições das vidas das mulheres negras no Brasil. Organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes [et al.]. - Brasília : Ipea, 2013. 160.
3. LETA, J. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, Dec. 2003. Disponível em: . Acesso em: 05 mai. 2017.
4. LOBO, M.; RIBEIRO, K, MACIEL C. Black Women in Computing and Technology: Identity affirmation and resistance. Publicado na Revista – Home Archives vol. 22 nº 2 (2019) Special Issue on Women in Computing in Latino America- 2019-
5. MUNANGA, K. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
6. SILVA, F. F; RIBEIRO, P.R.C. (2010). Mulheres na ciência: problematizando discursos e práticas sociais na constituição de mulheres-cientistas. In: Congresso Ibero Americano de Ciência, Tecnologia e Gênero, 8. Curitiba: UTFPR, 2010.



MORY MÁRCIA LOBO é Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT), bolsista CAPES, Pedagoga e Mestre em Educação pela UFMT. Participa do Meninas Digitais Mato Grosso. Desenvolve pesquisa focada em gênero, raça e tecnologias, no Laboratório de Estudos em Tecnologias e Comunicação na Educação (LêTece). <http://lattes.cnpq.br/1037326182039852>



CRISTIANO MACIEL é docente do Instituto de Computação da Universidade Federal de Mato Grosso, Consultor do Programa Meninas Digitais da SBC e membro do Meninas Digitais Mato Grosso, Diretor de Eventos e Comissões Especiais da SBC e pesquisador do Programa de PPGE/UFMT, sendo orientador da Tese de Mory Márcia Lobo. <http://lattes.cnpq.br/5234437367053668>.